



issn: 2176-5960

Προμηθεύς

journal of philosophy

n. 38 January / April 2022



O OLHAR FOUCAULTIANO PARA A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO À LUZ DE EPICTETO

Vilmar Prata – Doutorando em Filosofia
UFS/CAPES

RESUMO: A atenção que Foucault dedica à filosofia helenística e seus recortes no interior do estoicismo, apresentado ao longo do curso *A Hermenêutica do Sujeito* entre os anos de 1981 e 1982, ministrado no *college de France*, sobre o problema da constituição do sujeito, faz emergir um olhar específico em direção à constituição de um *ethos* pautado a partir de técnicas das quais o sujeito se vê sob o olhar do outro e atento aos seus direcionamentos. Essa relação estabelecida entre mestre e discípulo ao longo da filosofia antiga, dos gregos aos helenistas, sendo acentuada no estoicismo, chama a atenção do filósofo francês, que, por sua vez, mergulha nos textos e cartas de diversos filósofos da Escola do Pórtico. Neste trabalho, especificamente, busco fazer um recorte do olhar de Foucault para alguns apontamentos realizados sobre Epicteto, um dos grandes nomes do estoicismo. Trata-se de uma breve reflexão pois o tema proposto é sem dúvida alguma vasto e inesgotável, tanto por parte do filósofo francês, quanto por parte do filósofo estoico em questão. Nesta linha, buscarei, além de sugerir uma reflexão, problematizar com Foucault as questões relacionadas à constituição de si, a partir da perspectiva epictetiana, tentando abrir caminho para se pensar o sujeito da atualidade que se constitui pelas mesmas vias do sujeito *greco-romano*, ou seja, a partir do outro. Mas questão é: quem seria este outro e mais ainda, como se conhecer e como reconhecer esse outro como sujeito que se constitui a partir de práticas e técnicas de si?

PALAVRAS-CHAVE: Foucault; Epicteto; Sujeito.

ABSTRACT: The attention that Foucault devotes to Hellenistic philosophy and its excerpts within the stoicism presented throughout the course *The Hermeneutics of the Subject* between the years 1981 and 1982, given at the *college de France*, on the problem of the subject's constitution, raises a look specific towards the constitution of an *ethos* based on techniques from which the subject sees himself under the eyes of the other and attentive to his directions. This relationship established between master and disciple throughout ancient philosophy, from the Greeks to the Hellenists, being accentuated in stoicism, draws the attention of the French philosopher, who, in turn, delves into the texts and letters of several philosophers of the School of the Portico. In this work, specifically, I try to make a small cut of Foucault's look for some notes made about Epictetus, one of the great names of stoicism. It is a brief reflection because the proposed theme is undoubtedly vast and inexhaustible, both on the part of the French philosopher and on the part of the Stoic philosopher in question. In this line, I will seek, in addition to suggesting a reflection, to problematize with Foucault the issues related to the constitution of the self, from the epictetian perspective, trying to open the way to think the subject of the present day that is constituted by the same ways as the Greco-Roman subject, that

is, from the other. But the question is: who would be this other and even more, how to know and how to recognize this other as a subject that is constituted from practices and techniques of oneself?

KEYWORDS: Foucault; Epictetus; Subject.

Considerações iniciais: Quem é o *sujeito-outro*?

O problema do sujeito, para Foucault, tornou-se, assumidamente pelo próprio filósofo, prioridade em seus trabalhos, tendo sua principal questão filosófica de maior destaque e relevância sido problematizada a partir de 1981, quando em seus cursos e escritos, passou a discutir fortemente os variados processos de constituição que levaram, e ainda levam, o indivíduo à condição de sujeito. Pautando-se em discursos atravessados por jogos de *saber-poder*, Foucault trabalha no enviesamento da vontade de verdade em consonância com a subjetividade das relações supostamente estabelecidas entre sujeitos. Pensar o sujeito neste sentido, passou a ser uma tarefa urgente e criteriosa, na qual o filósofo mergulhou corajosamente e buscou, a partir de então, todos os recursos teóricos do pensamento antigo que fossem pertinentes ao seu interesse filosófico.

Tal viés movimentava a história do ocidente desde os gregos, passando pelos helenísticos, reverberando no cristianismo e resultando em desdobramentos significativos que mudaram o modo pelo qual o sujeito olha tanto para si quanto para o *outro* na cultura moderna. Mas quem seria esse *sujeito-outro* identificado por Foucault e rastreado em suas pesquisas desde a antiguidade? Ele vai nos dizer que

Se podemos identificar facilmente na cultura moderna esse outro, cujo estatuto e cujas funções seria sem dúvida necessário analisar mais precisamente, esse outro indispensável para que eu possa dizer a verdade sobre mim mesmo, seja ele o médico, o psiquiatra, o psicólogo, o padre, em compensação na cultura antiga, em que no entanto sua presença é perfeitamente atestada, é preciso reconhecer que seu estatuto é muito mais variável, muito mais vago, muito menos nitidamente recortado e institucionalizado. Esse outro tão necessário para que eu possa dizer a verdade sobre mim mesmo, esse outro na cultura antiga pode ser um filósofo de profissão, mas também qualquer um. (FOUCAULT, 2011, p. 7)

Essa variação do *sujeito-outro* que Foucault identifica sob a ótica desses dois modelos: o institucional, pertencente ao mundo moderno e o *outro* livre de qualquer encargo ou obrigação institucional, mas que, em contrapartida, seu comprometimento com a verdade de si e do *outro* está vinculado à responsabilidade de se constituir

enquanto sujeito com e a partir das relações estabelecidas para além de seu próprio *eu*, torna-se para Foucault um ponto de bifurcação capaz de revelar com mais detalhes as práticas que dividem esses dois tipos de *sujeito-outro*: um que tem compromisso com as regras institucionais e muitas vezes vive em função delas, e o *sujeito-outro* que toma como compromisso a verdade de si que se estabelece a partir de um *ethos* que vai além das relações interpessoais, um *ethos* universal e agregador.

Esse modelo de *sujeito-outro* vislumbrado na cultura moderna, parece trazer aos poucos um novo modo de pensar o sujeito em esferas estritamente institucionais que foram se constituindo ao longo dos séculos, como os presídios, as clínicas psiquiátricas, os hospitais, as escolas, as igrejas, enfim, todo tipo de instituição que nasceu justamente do interesse do sujeito em se constituir, que, conforme o próprio filósofo vai constatar em trabalhos anteriores, que com o passar do tempo, tornaram-se lugares de controle disciplinar desses respectivos sujeitos, estabelecendo relações de *saber-poder*, que por muitas vezes se fizeram tensas e opressoras. Não que nas relações greco-romanas não houvesse esse jogo de *saber-poder*, mas era menos tensionado por não está vinculado a uma instituição, propriamente dita, aos moldes do que viriam surgir anos mais tarde, e, mais ainda, o compromisso maior era com a constituição de si a partir do interesse do indivíduo pela verdade, que, de modo algum, estaria desvinculada do universo.

Algo que chama a atenção de Foucault desde o início de suas indagações sobre o sujeito é que, sem exceção, nenhum indivíduo se constitui por si só, ou seja, a constituição de si está diretamente ligada ao *outro* e vice-versa. Apesar de ser um exercício de si sobre si, uma conversão a si, o indivíduo só consegue fazer esse caminho com êxito mediante a voz e o olhar orientador do *outro*, que, geralmente, trata-se de alguém capaz de orientar neste processo. Alguém que, já traz consigo uma bagagem de experiências adquiridas ao longo do tempo e dos espaços que ocupou nesse tempo. Um sujeito que, quase sempre possui idade razoavelmente avançada e que, de fato vive o que pensa e o que ensina, ou seja, que sua vida prática cotidiana esteja em afinamento com o que ensina. Alguém que seja exemplo para quem quer aprender a se constituir, tanto em palavras como em ações, este alguém, é chamado, portanto, de sábio, ou filósofo.

Se para os gregos essa relação do homem sábio, do filósofo com um aprendiz já era usualmente estabelecida e praticada conforme os costumes próprios da Grécia antiga, tendo passagens emblemáticas das quais Foucault toma alguns recortes para pensar questões relacionadas ao governo de si e do outro, ao cuidado de si e do outro e o conhecimento de si, como Sócrates e Alcebíades por exemplo. Mesmo que, levando em consideração que para os gregos não se tinha essa ideia de sujeito que Foucault se interessa e toma enquanto deslocamentos que fazem do indivíduo um sujeito a partir de sua constituição enquanto alguém que olha para si e se subjetiva. No helenismo, no entanto, essa relação que podemos chamar de mestre-discípulo não mudou muito no que diz respeito ao mestre que instrui alguém que quer ser instruído à luz da filosofia.

Haja vista que o foco aqui não é discutir o que mudou na relação mestre discípulo dos gregos aos helenistas, como por exemplo, a relação de amizade erótica comum entre o filósofo e seu aluno nos gregos e que foi desconsiderada pelo helenismo, bem como o interesse político primevo em aprender com o mestre em como governar a *polis*, deixando o cuidado de si em segundo plano pelo jovem interessado, já que, o interesse era exclusivamente o conhecimento de si para governar o *outro*, e, muitas vezes, o cuidado de si era negligenciado. Evidentemente, as escolas helenistas souberam, de modo geral, absorver muita coisa dos gregos que veio a corroborar para estruturar as práticas e técnicas mais eficazes de se constituir enquanto sujeito ético e sujeito de verdade, que, assume o próprio *eu* como prioridade nesse processo de constituição de si, processo este, que, aliás, só tem fim com a própria morte, e que, para além disso, um *eu*, que não está escondido dentro de si e deve ser descoberto, mas um *eu* que se constitui a cada dia, nas práticas e técnicas ensinadas pelo mestre.

Uma coisa ficou clara para Foucault em relação à ideia de constituição de si já no estoicismo, destacando o *outro* como mediador desse movimento para dentro de si, vale destacar que não é só o *outro* enquanto mestre que possui lugar de destaque, mas também o *outro* enquanto discípulo, uma vez que, ambos aprendem juntos, se constituem juntos, pois o mestre também, ao orientar seu discípulo é impelido a repensar sua própria vida à luz da questão levantada e apresentada pelo discípulo. Foi exatamente o que ele fez questão de destacar: a relevância do *outro* na constituição de si a partir de uma gama de saberes, que ao serem tomados como lanternas a iluminar esse

caminhar, tornam-se preponderantemente também ferramentas de poder. Tão complexo é esse jogo, que Foucault vai afirmar que

Os saberes estudados na especificidade de sua veridicção, as relações de poder, estudadas não como uma emanção de um poder substancial e invasivo, mas nos procedimentos pelos quais a conduta dos homens é governada; e enfim os modos de constituição do sujeito através das práticas de si. (FOUCAULT, 2011, p. 10)

Foucault acaba por notar que esse *outro* não se resume em *sujeito-mestre* e *sujeito-discípulo*, ao se deparar com Epicteto, a ideia de *outro* se estende ao universo, ao cosmos, uma vez que, Epicteto vai considera todo o universo, sem desconsiderar qualquer ser vivo como este *outro* que deve ser cuidado e deve cuidar, mais ainda, devem estar focados em algo comum a todos, o próprio bem, e esse próprio bem não se adquire sozinho, mas mediante o bem de todos. Foucault vai destacar que esse vínculo se dá a partir de dois eixos, porém nos interessa destacar apenas um neste momento, ele vai averiguar que

A concepção estoíca do homem como ser constituído enquanto sujeito, facilmente a encontramos exposta em vários textos. Tomaremos Epicteto como exemplo. Em Epicteto, a concepção do vínculo entre cuidado de si e cuidado dos outros desenvolve-se em dois níveis. Primeiramente, em um nível natural. É a concepção do vínculo providencial. Com efeito, diz Epicteto, a ordem do mundo está de tal sorte organizada que todos e quaisquer seres vivos (animais, homens, pouco importa) buscam, todos eles, seu próprio bem. (FOUCAULT, 2006, p. 240)

Neste sentido, Foucault não deixa passar despercebido a relevância da natureza para os estoicos, a importância desse tema para Epicteto é tão forte, ao ponto do universo ser considerado por ele, como um *outro* a ser cuidado, um *outro* que cuida. Sem o *cosmos* não existe homem e mulher, é inviável a constituição do indivíduo em sujeito. Não basta apenas a relação interpessoal entre os homens, não basta a relação *mestre-discípulo*, como era o foco central dos gregos, no estoicismo, surge este novo *outro* que deve ser considerado, cuidado e governado a partir da persuasão e jamais pela imposição, com tanto zelo quanto se cuida e se governa a si e ao *outro*.

Epicteto compreende este universo como extensão desse indivíduo que se constitui enquanto sujeito, mas não um sujeito isolado, estritamente político, mergulhado nas relações de *saber-poder*, ao contrário, um sujeito que se constitui, primeiramente, conforme a natureza, se compreende conforme este cosmos, e, a partir dessa compreensão, olha para si e para o *outro* no sentido de um governo que vai elencar o bem comum de todos e a todos. Este bem compreendido como a verdade

pautada por um *ethos* que garante a preservação de uma *vida feliz*, sem exceção, porque todos são importantes e dignos de cuidado, com suas respectivas responsabilidades de também cuidar do outro.

Assim, o si e o *outro* se desenrolam em uma dinâmica de governamentalidade na qual Foucault manifesta suas inquietações, ao se dispor a apresentar um diagnóstico do sujeito da atualidade. Nesta esteira, minha proposta é fazer um recorte sobre as aulas de *A Hermenêutica do Sujeito*, ministradas no Collège de France no período de 1981 a 1982, na qual encontramos uma análise minuciosa sobre a constituição do sujeito tomando alguns pensadores gregos e helenísticos. Gostaria, portanto, de destacar em específico, neste trabalho, o olhar foucaultiano para Epicteto, o filósofo do pórtico, a fim de problematizar as possibilidades de constituição de si nos tempos atuais à luz das orientações epictetianas visadas por Foucault e, para além dessa reflexão, questionar se existem de fato essas possibilidades.

Gnôthi Seautón ou Epiméleia Heautou? eis a questão

Foucault busca esclarecer ao longo de suas reflexões sobre a constituição do sujeito, oriundo da relação estabelecida entre mestre e discípulo, o fato de que, o mestre, deve elencar como prioridade de seu discurso, e mais ainda, de sua própria vida, a verdade. Ser como o próprio filósofo destaca, um *parasyaschastikós* (parresiasta). Ou seja, aquele que leva a verdade como uma tocha reluzente e preza pela sua predominância em qualquer esfera social e pessoal, não se deixando levar por qualquer tipo de devaneio. O mestre, o filósofo, deve assim o ser; um *parasyaschastikós*, mesmo que isso lhe custe amizades, privilégios, honrarias e até mesmo a própria vida. Suas energias devem estar fixadas em práticas criteriosas e coesas com uma verdade alinhada à moral, que é, aliás, o que sustenta o próprio sujeito no lugar que ocupa enquanto mestre. A verdade deve ser reconhecida no próprio mestre, uma verdade que revele a face limpa da moral sem qualquer tipo de maquiagem ou máscara.

É neste sentido que Foucault constata que os deslocamentos realizados pelo indivíduo à condição de sujeito que se constitui a partir desse processo de pedagogização de si, se inicia quando este mesmo indivíduo se revela para si e para o outro e decide falar da própria vida, ou seja, decide se confessar, falar a verdade sobre si. Porém, não se trata de falar de qualquer maneira sobre si e para qualquer um, ao

contrário, é quando ele dá o primeiro passo em direção ao seu próprio *eu*, buscando encontrar e expor ao seu mestre aquilo que lhe é tão caro e em relevante proporção, desconhecido por ele mesmo: seu próprio *eu*. O mestre, atentamente, dedica atenção em todos os detalhes, para que, no decorrer desse processo de redescoberta de si realizada pelo seu discípulo, possa ajudá-lo a vislumbrar o que de fato lhe pertence enquanto verdade e o que é engano dos próprios julgamentos e *Synkatathesis* (assentimentos) em relação às *phantasias* que fazia de si e do mundo à sua volta.

Sobre esses *Synkatathesis* (assentimentos) em relação às *phantasias* que se estabelecem a partir das relações que o sujeito elabora mediante à sua própria vida, aos anseios, dúvidas e medos que o circunda, Dinucci vai esclarecer que

Synkatathesis (assentimento) é a ação da mente de aprovar uma *phantasia*. É do sábio dar seu assentimento apenas à *phantasia kataleptike* (compreensiva) e negar seu assentimento à *phantasia akataleptos* (não compreensiva). Além disso, o assentimento do sábio, baseado em conhecimento, é firme e estável, ao contrário do assentimento do ignorante, que, ainda que feito a uma *phantasia kataleptike*, é instável e fraco por não se amparar em conhecimento, mas em mera opinião. (DINUCCI, 2019, p. 319-332)

Nesta direção, o que vai conferir veracidade, tranquilidade, ou seja, uma estado de *ataraxia*, conforme a própria compreensão grega, no modo como esse sujeito se relaciona consigo e com o outro, vai depender, única, exclusiva e diretamente desses processos de aceitação e negação das boas e más paixões, evitando ao máximo se perder nos vícios que podem advir e colocar em risco sua vida em todas as esferas enquanto objeto de prazer e dor, que podem ser acometida e prejudicada conforme suas decisões. Para tanto, tais tomadas de decisões quando embasadas nas sábias opiniões de um mestre comprometido com a sabedoria e que também leva a sério essa constituição de si, e que, principalmente, tentará orientá-lo sem lhe roubar o direito da última palavra no que corresponde às decisões tomadas, a probabilidade de um resultado positivo ao final desse processo é consideravelmente alta e já esperada.

O discípulo, por sua vez, no lugar de aprendiz, deve estar preparado a se confrontar com esse mestre, e se não estiver, deve urgentemente renunciar a todo tipo de sentimento e postura que o possa impedir de alcançar seu principal objetivo que é: conhecer-se a si mesmo. Nesta linha, o orgulho e a mentira não cabem nesse jogo, justamente porque fazem o discípulo perder totalmente o sentido de seus objetivos ao buscar o mestre estoico, e, essa relação, não faria qualquer sentido e não produziria os

resultados esperados e propostos pelo estoicismo. A negação de suas inquietudes, a dissimulação de seus vícios, a omissão de suas fraquezas, são de modo geral e sem exceção, características inadmissíveis para que um sujeito se constitua conforme o estoicismo. Muito pelo contrário, o indivíduo deve tornar clara todas as suas fraquezas, para que assim, possa reconhecer-se como sujeito autônomo a partir da escuta criteriosa da voz do mestre que reflete toda uma tradição da escola estoica enraizada na máxima grega do *gnōthi seauton*.

Foucault lança luz para o fato de que, é, a partir do preceito délfico, *gnōthi seauton*, que Epicteto vai voltar o olhar para Sócrates como o filósofo do cuidado, mais ainda, vai elencar esse cuidado como o cuidado de si, como uma máxima de vida no seio da filosofia pautada por todo *ethos* grego, que, por conseguinte, dará contornos profundamente marcantes em toda moral antiga. Neste sentido, Epicteto vai se dedicar a criar uma escola de filosofia, um lugar onde se possa ensinar e aprender filosofia, atribuindo a este cuidado uma gama de técnicas a serem praticadas com o objetivo de cuidar de si, para governar a si, e por fim, conhecer a si. Levando em consideração que estes três eixos se movimentam ao longo de toda vida, tendo fim somente com a morte, pois para Epicteto, a constituição de si não é algo que tem início, meio e fim, mas somente início, findando apenas com a morte.

Portanto, para se constituir, o sujeito, e aqui, me refiro tanto ao mestre quanto ao discípulo, elabora para si um leque de condutas disciplinares baseadas nas técnicas que os apoiam a tal objetivo, e, essas técnicas não estão fixadas como regras definitivas, mas poderíamos pensá-las como definidas para determinados objetivos, sempre passivas de questionamentos e até mesmo mudanças à luz da relação entre os dois e dos dois com o cosmos. Porém, o que vale destacar é, que o que não muda, o que não pode mudar em circunstância alguma, é a verdade como meta que se faz emergir a partir do *ethos* que moraliza o sujeito e que atribui autenticidade ao que é apresentado como verdade para si e para o outro.

A grande questão de Foucault, conforme ele mesmo expressa na aula do dia 6 de janeiro de 1982, primeira hora, e que, poderíamos dizer, é o que impulsiona todo seu curso *A Hermenêutica do Sujeito*, são as problematizações que pairam sobre os grandes eixos da filosofia antiga, a saber, o *Gnōthi Seautón* e *Epiméleia Heautou*, dos quais Foucault vai compreender, mas ao mesmo tempo, também vai questionar que

Enquanto tudo nos indica que na história da filosofia – mais amplamente ainda, na história do pensamento ocidental _o *gnôthi seautón* é, sem dúvida, a fórmula fundadora da questão das relações entre sujeito e verdade, por que escolher esta noção aparentemente um tanto marginal, que certamente percorre o pensamento grego, mas à qual parece não ter sido atribuído qualquer *status* particular, a de cuidado de si mesmo, *de epiméleia heautou?* (FOUCAULT, 2006, p. 5)

O que parece ser certo à primeira vista para Foucault é que esses dois eixos devem estar profundamente interligados um ao outro, mais ainda, para além deles, ligados ao universo. Consequentemente, tanto o mestre, quanto o discípulo devem tomar como prioridade cada palavra dita ou escrita, cada palavra ouvida, cada gesto e porque não dizer, cada silêncio, pois, conforme nota Foucault (2006, p. 402), “Epicteto, partirá da audição como sentido capaz de recolher o *logos*.” E, obviamente, para ouvir, é necessário fazer silêncio, este silêncio tão caro para Epicteto e tão importante quanto o falar em todo esse processo é que fará emergir a verdade de si que é a própria verdade do *kósmos*.

Sobre esse elo para o qual Foucault nos chama atenção, que liga o conhecimento de si ao cuidado de si, *Gnôthi Seautón e Epiméleia Heautou* e que faz total diferença para compreender esse indivíduo que se interessa por si, que quer aprender a se constituir, desafiando e ultrapassando seus limites e fraquezas físicas e psíquicas, Foucault faz questão de ressaltar ainda na mesma aula citada acima que

quando surge este preceito délfico (*gnôthi seautón*), ele está, algumas vezes e de maneira muito significativa, acoplado, atrelado ao princípio do "cuida de ti mesmo" (*epime/ou heautou*). Eu disse "acoplado", "atrelado". Na verdade, não se trata totalmente de um acoplamento. Em alguns textos, aos quais teremos ocasião de retornar, é bem mais como uma espécie de subordinação relativamente ao preceito do cuidado de si que se formula a regra "conhece-te a ti mesmo". O *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo") aparece, de maneira bastante clara e, mais uma vez, em alguns textos significativos, no quadro mais geral da *epiméleia heautou* (cuidado de si mesmo), como uma das formas, uma das conseqüências, uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados consigo mesmo. E neste âmbito, como que no limite deste cuidado, que aparece e se formula a regra "conhece-te a ti mesmo". (FOUCAULT, 2006, p. 7)

De modo geral, parece que a partir do helenismo ficou mais evidente aquilo que poderíamos, a princípio, denominar como uma sequência de três etapas das quais o indivíduo deve passar para se começar o processo de constituição de si, início este, que, como já foi dito, só terminará com a sua morte. Em cada uma dessas etapas se adquire estabilidade e maturidade suficiente para se perseverar nesse processo, etapas que

poderíamos também chamar de eixos. Três eixos dos quais se movimenta toda constituição de si.

Primeiramente o indivíduo aprende a cuidar de si, cuidando de si, ele vai aprender a se governar, e por fim, se governando, ele poderá considerar que está conhecendo a si. Nota-se que esses três eixos ou etapas, se atravessam continuamente, estão enviesados de tal maneira que um não se estabelece sem o outro, ou seja, para cuidar de si é necessário se governar, para se governar é necessário cuidar de si, para se conhecer é necessário se cuidar e se governar e para se cuidar e se governar é primordial que se conheça. Toda essa articulação provoca uma inquietação no sujeito que o direciona para dentro de si, uma conversão a si que se configura em um duplo movimento, de fora para dentro e de dentro para fora, de imersão a si e emersão ao outro. O que não pode deixar negligenciado é que, essa movimentação não se faz sozinho, muito menos sem as devidas técnicas disciplinares coerentes a todo este processo.

Dessa maneira, esse indivíduo passa a se constituir enquanto sujeito capaz de se olhar e se ouvir a partir do olhar e da voz do mestre que o orienta nesse trabalho de si para si, tantas vezes delicado, árduo e interminável. Esse ciclo se dá a partir das técnicas ensinadas pelo mestre, técnicas apropriadas a serem empreendidas no conhecimento de si, no governo de si, na arte de viver, na *tekne tou biou*, no aprimoramento da própria vida, física e espiritual, visando o conhecimento de si que permitiria um cuidado melhor de si, para que assim, possa se governar e governar os outros, favorecendo a preservação da vida a um nível de qualidade desejável no âmbito pessoal e político.

A relação *mestre-discípulo*: O cuidado de si e o cuidado do outro

As práticas de refinamento do cuidado de si e tudo que isto abarca, está diretamente atrelado ao cuidado do outro, por parte de quem orienta, bem como, por parte de quem é orientado, pois sendo bem instruído, potencialmente e supostamente, o discípulo adquire condições de assumir posturas mais coerentes, independentes e eficazes diante dos acontecimentos da vida, podendo, com o passar do tempo e das experiências acumuladas, ocupar também o lugar de mestre e, conseqüentemente,

instruir outras pessoas. Trata-se de um jogo que não se estagna em lugares pré-definidos e ocupados pelos envolvidos, cuja subjetividade dos sujeitos envolvidos nos papéis de mestre e discípulo está crivada pelo movimento dinâmico que oscila entre o aprender e o ensinar, tendo como principal objetivo ser um verdadeiro amigo da sabedoria, ou seja, ser um autêntico filósofo.

Para tanto, o indivíduo que deseja ser instruído se submete a uma gama de orientações dadas pelo seu mestre, que tratará de apresentar as melhores técnicas e as melhores maneiras de praticá-las para se alcançar êxito em seu objetivo de se constituir enquanto sujeito de si. São exercícios voltados tanto para o corpo quanto para a alma, dicas que giram em torno de coisas simples e práticas do cotidiano, relacionados ao comer, beber, dormir, às práticas sexuais, que também estão interligados aos exercícios espirituais, como por exemplo a melhor hora de meditar ou mesmo de fazer leituras que colaborem neste processo, exercícios ligados à memória e à análise minuciosa daquilo que esta memória traz à tona.

Particularmente, nas orientações encontradas em Epicteto, encontramos ensinamentos de regulação baseados no *logos* que orienta a natureza humana enquanto portadora da razão. Direcionando condutas do corpo e da alma, por meio de orientações dietéticas de manutenção, como por exemplo, o que comer, o que beber e suas respectivas quantidades e horários, tempo de descanso, exercícios físicos, práticas sexuais, bem como orientações éticas para consigo e para com o outro nas relações sociais, e por fim, como lidar com as doenças, com a própria morte e com a morte do outro.

Esse tipo de envergadura para a constituição do sujeito em Foucault se reafirma, portanto, como resultado das técnicas de si que tendem a uma série de direcionamentos conceituais para o exercício da prática de si ensinadas pelo mestre ao seu discípulo, cuja pretensão do primeiro é compartilhar aprendizados e experiências adquiridas ao longo da vida, frente à pretensão do segundo, que é aprender com os ensinamentos do mestre, a cuidar de si, a conhecer a si e por fim, a governar a si. Foucault lembra bem que

Epicteto, por exemplo, recomenda que saiamos de tempos em tempos, que caminhemos, que olhemos o que se passa ao nosso redor (as coisas, as pessoas, os acontecimentos etc.) e que nos exercitemos em relação a todas estas diferentes representações que o mundo nos oferece. Exercitemo-nos para definir a respeito de cada uma, em que ela consiste, em que medida pode

agir sobre nós, se dependemos dela ou não, se ela depende ou não de nós etc. E a partir deste exame do conteúdo da representação, [trata-se] de definir a atitude que tomaremos em relação a ela. Ele propõe também o exercício que poderíamos chamar de exercício-memória. Lembrar-se de um acontecimento - um acontecimento histórico ou que se tenha passado de maneira mais ou menos recente em nossa própria vida - e depois, a seu respeito, perguntar: em que consistiu este acontecimento qual sua natureza, que forma de ação ele pode ter sobre mim, em que medida dele dependo, em que medida estou livre dele, que julgamento devo dele fazer e qual atitude ter em relação a ele? (FOUCAULT, 2006, p. 362)

É possível considerar que o foco principal nessas relações é o alcance da temperança (*enkrateia*, *temperantia*) por meio do conhecimento da verdade (*aletheia*) que ocorre através de um longo processo de subjetivação de si mesmo. Fazendo uma ressalva de que não se trata de qualquer verdade, mas sim, a verdade referente ao próprio eu, enquanto sujeito que se constitui por meio de práticas que decorrem das instruções filosóficas que se lhe apresenta por meio do mestre, que toma a filosofia como guia nesse percurso, cuja meta é justamente a felicidade alicerçada na sabedoria e na verdade que se alcançam por meio do cuidado e do conhecimento de si, e, esse percurso, de modo algum, como é destacado repetidas vezes, tanto pelos gregos como pelos helenistas, pode se percorrer sozinho.

Atesta-se no exame esmerado de si mesmo, no decorrer de um processo minucioso de vigilância sobre si, tendo como ponto de partida as orientações do mestre: a rememoração, a assimilação, a compreensão e, por fim, a elaboração de uma resposta coesa e alinhada com a verdade apreendida no seio do estoicismo. Nota-se um exame criterioso e assertivo, direcionado à representação que o sujeito elabora para si, bem como, um exame de si mesmo, um autêntico exame de consciência vinculado à memória, que lhe permitirá mais eficiência no empenho em colaborar com a compreensão e uma possível resolução dos problemas oriundos dessas representações, a tal ponto que Foucault vai concluir:

Portanto, ao que me parece, temos uma forma de exercício bastante semelhante. Considerado o fluxo, necessariamente móvel, variável e cambiante das representações, assumir, em relação a elas, uma atitude de vigilância, uma atitude de desconfiança. E procurar, a propósito de cada uma delas, verificar e provar. (FOUCAULT, 2006, p. 363)

Todo esforço filosófico em afinar sua vida à verdade, a verdade que o sujeito traz guardada em si mesmo, atestando-se na tentativa de fazer da filosofia seu próprio modo de vida. Também se nota este esforço, no fazer do exame de consciência um

exercício cada vez mais frequente e eficaz em seu funcionamento e, por fim, nas práticas que constituem a *askesis*, como um retorno profundo para dentro das próprias memórias. Enfim, é mister pontuar que todos que se propuseram a dedicar sua vida à filosofia ao longo da história, de modo autêntico e profundo, seja os gregos, ou os helenísticos, até nossos dias, têm como único objetivo justamente o acesso a esta verdade, seja a verdade de si, ou a verdade tomada sob um conceito mais amplo, a *alêtheia*.

Esse direcionamento de condutas sob o olhar do outro, neste caso específico, sobre o olhar de Epicteto, sobrevém do que aquele que o procura, seja quem for e em quais circunstâncias, irá revelar de si, materializado em suas práticas diárias por meio do seu exame de consciência sob a orientação do filósofo. Todo trabalho do mestre estoico, por sua vez, está pautado no que lhe é permitido ler, ver ou ouvir de seu discípulo. Nesta linha, Foucault identifica em Epicteto três conselhos bem específicos que auxiliam nessas técnicas de enfrentamento de si, que tomam como prioridade a sensibilidade do sujeito para consigo mesmo, visando não deixar passar despercebido qualquer tipo de situação que possa ofuscar sua visão para si, ensurdecer seus ouvidos na escuta da própria voz, ou mesmo negligenciar qualquer exercício disciplinar em relação ao próprio corpo que venha abrir frestas para os vícios e as paixões. Foucault nos lembra que

Encontramos em Epicteto, por exemplo, o seguinte conselho: é preciso meditar (*meletân*), escrever (*graphein*) e treinar (*gymnázein*). *Meletân*, exercício de pensamento, freqüentemente sustentado por um texto que se lê; *gráphein*, escrever; e *gymnázein*, isto é, treinar na realidade, tentar vencer a prova ou o teste do real. (FOUCAULT, 2006, p. 428)

Podemos entender que o primeiro conselho de Epicteto para o que Foucault chamou de rememoração, ligado à meditação (*meletân*) é basicamente, conforme o próprio filósofo já mencionou, um exercício de retirar-se para dentro de si, voltar-se para si, para as próprias memórias. Adentrar no seio dessas memórias, enquanto conteúdo constitutivo do próprio sujeito, tornando-se um exercício de suma importância que vai exigir cada vez mais do mestre e do discípulo precisão, concentração e disciplina. Foucault vai chamar essa prática de exercício mnemotécnico, que, se dá por meio do *meletân*, um exercício de pensamento que vai de encontro ao conteúdo armazenado na memória, do que o sujeito traz em seu próprio corpo, em seu próprio ser, em sua própria história. Tudo aquilo que poderíamos chamar de matéria prima para se

desenvolver e se lançar no movimento geral do exame que dará o ritmo e os contornos necessários, por assim dizer, para o início desse processo de constituição de si.

O segundo conselho de Epicteto está ligado ao que Foucault chama de uma *escrita de si*, ou seja, escrever (*graphen*) sobre si mesmo, seja por meio de cartas endereçadas ao mestre ou anotações (*hypomnemata*) que colaboram e reforçam a prática de memorização. Nesses dois tipos de escritas de si, Foucault (1992, p. 148) vai lembrar que “neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e ações de que se tinha sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória.” Tudo que o discípulo pudesse reunir nessa escrita de si seria útil em seu processo de constituição enquanto sujeito, material do qual, o mestre, por sua vez, lançaria mão para estabelecer os melhores caminhos a serem tomados mediante cada situação manifestada.

Nota-se claramente o agir moral em ambas as formas de escrita, pautado pela razão como mediadora e delineadora da postura ideal frente a si mesmo e frente ao outro, de acordo com a demanda dos acontecimentos. Essa ênfase na razão enquanto propriedade do homem marca todo percurso desses aconselhamentos técnicos de ensinamento utilizados por Epicteto, e, mais ainda, a escrita ganhou um relevante lugar de destaque, por se tratar de uma técnica que é capaz de registrar esses conselhos e funcionar como um lugar de memória por excelência, tornando-se, conforme Foucault (1992, p. 132) vai chamar de um “ponto de aplicação aos movimentos do pensamento, o papel da prova da verdade”, numa autêntica, constante e laboriosa “escrita de si”.

Por fim, o terceiro e último conselho, diz respeito ao *gymnázēin*, que, basicamente, trata-se de colocar em prática o que se leu, ouviu, aprendeu, assimilou e memorizou do mestre. Aplicar todo esse aprendizado no cotidiano, nos afazeres do dia-dia, dos fatos mais relevantes aos mais simples. Nesta esteira, Foucault descreve essa tríade de conselhos e se interessa por ela ao longo de seus trabalhos. Sua percepção enquanto filósofo ao pensar esse sujeito que se constitui a partir desses três conselhos dos quais Epicteto lança mão para direcionar seus discípulos, leva Foucault a traçar e situar o percurso feito por este indivíduo que se predispõe a se constituir. Em relação a Epicteto, ele vai concluir que

Um dos pontos fundamentais da diferença entre animal racional e animal não racional, é o fato de que os homens são confiados a eles mesmos, têm que

ocupar-se com eles mesmos. Isto significa que, para realizar sua natureza de ser racional, para preencher a diferença que o opõe aos animais, o homem deve realmente tomar-se como objeto de seu cuidado. Tomando-se como objeto de seu cuidado, há que interrogar-se sobre o que ele é e o que são as coisas que não são ele. Há que interrogar-se sobre o que depende dele e sobre o que não depende. Há que interrogar-se, enfim, sobre o que convém fazer ou não fazer, segundo as categorias quer dos *kathékonta*, quer dos *proegoúmena*, etc. Conseqüentemente, aquele que tiver se ocupado consigo como convém, isto é, aquele que tiver efetivamente analisado quais são as coisas que dele dependem e quais as que não dependem - ao ter cuidados consigo de tal maneira que, se alguma coisa vier à sua representação, saberá o que deve e o que não deve fazer, este saberá, ao mesmo tempo, cumprir os seus deveres enquanto parte da comunidade humana. (FOUCAULT, 2006, p. 242)

É importante ressaltar que todos esses conselhos dados por Epicteto são de ordem persuasiva, em nenhum momento o estoico impõe ordens ou desrespeita o direito de escolha de seus discípulos de aceitar ou não tais conselhos. Foucault não descuida de detalhes relevantes em relação ao modo como Epicteto se posiciona frente aos seus discípulos e traz à discussão a estrutura com traços institucionais que Epicteto levanta, como uma espécie de escola de filosofia que visa atender a todos interessados a se formarem como tal, mas não uma formação estritamente profissional, mas para além disso, que viabilize aprendizado para vida, porque a filosofia, aos olhos do filósofo estoico é e faz parte da vida. Para marcar essa questão Foucault vai nos lembrar o trecho do colóquio 14 do livro 11

o caso apresentado no colóquio 14 do livro 11, de um romano que chega com seu jovem filho perante Epicteto. E logo Epicteto explica como concebe a filosofia, qual é, a seu ver, a tarefa do filósofo e o que é o ensino da filosofia". De certo modo, faz ao pai uma exposição do tipo de formação que está prestes a dar ao filho. Há também alunos regulares que para lá se dirigem não apenas para completar sua formação e cultura, mas porque querem tomar-se filósofos. (FOUCAULT, p. 170)

É nessa relação de mestre e discípulo que poderíamos pensar esse jogo estoico que viabiliza a constituição de si, que Foucault vai buscar encontrar na história do sujeito ocidental: um outro revestido de saber e poder, o mestre, um outro, disposto a se constituir, se conhecer, o discípulo, e, nesse processo, autorizam-se, um ao outro, a se liberarem para uma relação de descobertas, redescobertas, de anulações e permissões. Sempre permeados por técnicas e práticas que visam tão somente a transformação eficaz do *ethos* do sujeito frente a si mesmo e frente à *polis*, harmonizando-se com a natureza conforme os parâmetros sugeridos pelo estoicismo enquanto escola, instituição autorizada a ensinar filosofia: o Pórtico ou *Stoa*.

Tanto no contexto grego quanto no helenístico, o lugar do outro que orienta as práticas do cuidado de si, que diz o que deve ser feito, como deve ser feito e em que momento deve ser feito, é alicerçado pelo saber e pelo exemplo de vida dado a partir deste saber. O filósofo é portanto considerado o detentor do saber, porém, não o dono, e, este saber, por sua vez, é que lhe condições para ser visto pelos demais como um sujeito que governa a si mesmo, capaz de mostrar o caminho rumo à verdade, de apresentar os métodos e as técnicas tão caros que são capazes de fazer de um indivíduo comum, submetido aos seus desejos físicos e psíquicos, bem como aos anseios e inseguranças produzidos no meio em que convive, tomar as rédeas da própria vida e poder a partir do aprendizado e das práticas dessas técnicas, ensinadas pelo filósofo, governar a si mesmo com altivez e êxito, se constituindo como sujeito de si.

Considerações Finais

Ao longo de todas as aulas do curso *A Hermenêutica do Sujeito*, o empenho de Foucault foi em trazer à baila questões referentes às relações do sujeito consigo e com o outro, mediante à constituição de si. Esse trabalho levou Foucault (2010, p. 43) a afirmar que “não se pode cuidar de si mesmo, se preocupar consigo mesmo sem ter relação com o outro”. Sendo assim, essa reflexão se justifica pelo fato de trazer à discussão o processo de configuração do sujeito foucaultiano, que se liga à prática de si, construindo, a partir dos estoicos, a articulação feita entre o sujeito greco-romano e o sujeito da atualidade, fruto de uma hermenêutica voltada para o eu em sua arte de viver.

Tomando os estoicos, aqui, especialmente Epicteto, Foucault fará emergir a construção de um sistema reflexivo sobre o eu, cujo método se estabelece por meio de conselhos dados a ver em diálogos representados na oralidade e na escrita, dos quais o conteúdo apresentado corresponde a uma relação de mestre e discípulo, que em parte evita o equívoco de tomar o sujeito como pleno soberano de si, e, ao mesmo tempo, evitando a concepção de assujeitado, promovendo um movimento, um processo de reconhecimento de sua autonomia através da sua relação com o outro.

Mas, em que essas questões contribuem? Explico. A fim de sustentar esta afirmação, no decorrer de suas aulas, Foucault vai cotejando em suas falas diversos momentos da história em que a filosofia se viu voltada a tais reflexões, elegendo a prática de si como fundamento do eu. Dessa maneira, neste seu trabalho, Foucault (2010, p. 347) retoma Epicteto, e em um determinado momento chega a afirmar que, tanto para o sujeito da atualidade, quanto para o sujeito da antiguidade “o objetivo permanece idêntico (transformar o *éthos* daquele a que se dirige)”, fazendo perceber, já no pensador estoico, requisitos pré-existentes de uma relação pautada pelo cuidado de si e do outro, cujo objetivo era eleger o sujeito como principal responsável por sua própria vida, sem excluir a colaboração do outro como portador de pertinentes conselhos sobre a arte de viver voltado para si.

Essa envergadura leva à emergência de técnicas estabelecidas da relação consigo, na exigência individual da dedicação a si por meio do autoconhecimento, exigindo por parte do sujeito, segundo Foucault (2006, p. 6), um gesto de “retirar-se para o interior de si próprio”. Sob essa ótica, são as vias para a constituição do sujeito que o filósofo francês coloca em destaque, postulado foucaultiano, ao qual me propus ao longo deste trabalho, apresentar o respectivo tema discutido a partir de Epicteto. Trata-se, obviamente, de uma empreitada que não se esgota apenas nessas linhas, mas ao contrário, abre caminho para novas possibilidades de reflexão sobre este tema, tendo como problema sempre atual, o sujeito.

Em suma, o que interessa fortemente, é que essa elaborada prática concebida como eficaz, para alcançar métodos racionais de ações como critério de um treinamento de si, foi se deslocando ao longo da filosofia até chegar a Foucault (1992, p.7), que identifica “o movimento não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir, e isto com a finalidade que não é nada menos que a constituição de si”. Considerar os modos de deslocamentos, ou seja, a forma como os temas e as posições de Foucault se movimentam nessa sua atitude de leitura sobre Epicteto, passou a ser o fio norteador deste trabalho, que sustentou ao mesmo tempo, tanto objetivo a ser perseguido quanto apontou para novas possibilidades de se pensar o sujeito da atualidade.

Referências

DINUCCI, Aldo. A relação entre virtudes e vícios e paixões boas e más no estoicismo. IN *Prometheus Journal of Philosophy*, n. 30, 2019. p. 319-332

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: *O que é um autor?* Tradução de Eliza Monteiro e Inez Autran Dourado Barbosa. Lisboa: Passagens, 1992, p. 129-160.

_____. *A Hermenêutica do Sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006

_____. *O governo de si e dos outros*. Curso no Collège de France (1982-1983). Trad. Eduardo Brandão. Ed. Martins Fontes, 2010.

_____. *A Coragem da Verdade*. O governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1983-1984). Trad. Eduardo Brandão. Ed. Martins Fontes, 2011.